



TERREIRO UMBANDISTA:

a arquitetura no espaço físico e espiritual

Maria Cysneiros da Costa Reis¹

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Aline de Barros Pimenta²

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade evidenciar a potencialidade da arquitetura e do urbanismo em sua multifuncionalidade, bem como contribuir para expansão da potencialidade de atuação dos profissionais desta área de conhecimento. Hoje em dia, a arquitetura é reconhecidamente associada ao bem-estar social, tanto no que diz respeito a aspectos urbanísticos, sociais, políticos e religiosos, quanto étnicos e sexuais. Corroborando esta linha de pensamento, o projeto de um terreiro umbandista objetiva apresentar o estado da arte da temática religiosa, mais especificamente de uma religião que, em nosso país, é associada a conceitos e fundamentos que não a caracterizam de fato. Ao abordar-se a temática religiosa da umbanda com embasamento teórico e prático, de vivência, acredita-se trazer à luz do conhecimento a um contingente maior da sociedade e assim potencializar a redução do preconceito à prática, que a sociedade ainda demonstra nos dias de hoje.

Diante de diversos pensamentos e explicações sem adequado estudo do tema, sem o conhecimento dos princípios e conceitos da umbanda, questiona-se: como a arquitetura pode contribuir positivamente à esta situação?

Como podemos observar, comumente, centros umbandistas se localizam “escondidos” e/ou “distantes” das regiões centrais, de forma que refletem uma sensação de “oculto” perante a sociedade em relação às outras religiões como por

¹ Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Endereço: Rua Oscar Vidal, 280/202, Centro, Juiz de Fora – MG. Celular: (32) 9 9198-4639. E-mail: maria.cysneiros@outlook.com

² Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Academia - UniAcademia. Orientador(a).

exemplo a católica e evangélica que possuem grandes e “expostos” templos em uma cidade. O presente projeto arquitetônico dedica-se a trazer maior visibilidade para o local para o qual foi proposto, bem como para a religião, valorizando a diversidade religiosa nacional e o interesse, mais especificamente, a respeito do conhecimento da umbanda.

Palavras-chave: Umbanda. Arquitetura religiosa. Sociabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um projeto de um centro umbandista, que se desenvolve com foco na identificação das necessidades do local para o qual foi proposta a implantação, bem como para o próprio “centro” e suas demandas particulares, funcionais e espaciais, tanto no âmbito carnal, quanto espiritual. O centro espírita umbandista propõe-se a oferecer um maior conforto e vivência do espaço para os trabalhadores do centro e os visitantes, de uma forma que os trabalhos lá realizados sejam feitos de forma organizada. O presente projeto também abrange outros temas como o fato de a “arquitetura ser para todos”, independente de credos, raça, sexualidade e classe social.

As razões de maior interesse na escolha da temática do trabalho fundamentam-se na difusão de conhecimento a respeito da religião umbandista, influenciando, sabidamente, em uma melhor compreensão dos conceitos desta religião e dos trabalhos realizados nela.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Terreiro Umbandista: espaço físico e espiritual

O desejo de desenvolver esse trabalho veio juntamente com a constatação da necessidade de se organizar um material que aborde aspectos da religião umbandista: a religião como um todo, mostrando sua história e princípios, contribuindo para base teórica do projeto.

Com foco na demonstração da arquitetura, como meio de conscientização, além de aspectos contemplativos e espaciais, vivenciáveis física e sensorialmente, o presente trabalho propõe-se a contribuir para a caracterização do “estado da arte”

da arquitetura religiosa, influenciando direta ou indiretamente no traçar de conceitos e preconceitos da sociedade.

A estrutura de um terreiro, não se relaciona exclusivamente ao ambiente construído físico, mas sim, e principalmente, à todas as responsabilidades dos trabalhadores carnis e espirituais que nele atuam. Assim, o projeto de um centro umbandista baseia-se no respeito organizacional de todos os aspectos relacionados às funções exercidas por cada frequentador (seja trabalhador ou assistência), com importante atenção também aos ambientes e estruturas de apoio aos trabalhadores espirituais, como, por exemplo, assentamentos e gongares. Tais questões e atenções são corroboradas nas palavras de Patrícia Martins Valguda: **“Não só de blocos de concreto, pilares de madeira e piso de taco se faz a estrutura do terreiro, também temos a estrutura hierárquica dentro e fora das giras.”**³

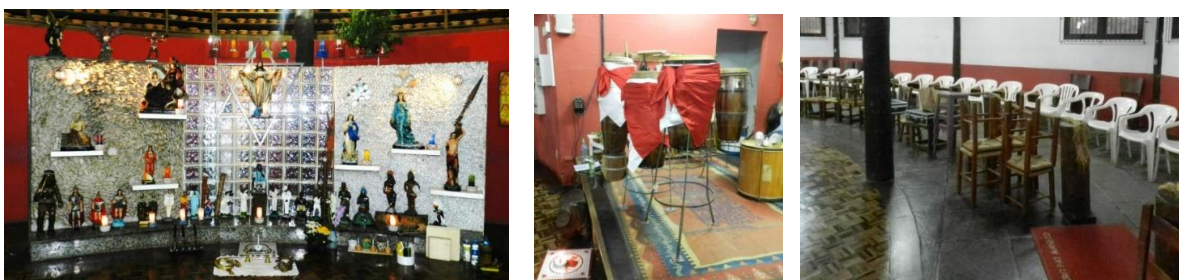
Como ressalva, “a Umbanda tem fundamento e é preciso preparar”, e, essa preparação vem desde a construção do espaço e a disposição do programa de necessidades até a finalização dos trabalhos físicos e espirituais. Somado ao conhecimento apresentado, o papel do arquiteto e a sua responsabilidade de associar forma, função e técnica na composição espacial potencializam o reconhecimento funcional do terreiro, estudando e aprofundando o conhecimento para melhor compreensão de cada ambiente do Centro.

A maioria dos terreiros umbandistas, possuem um espaço que atendem apenas as pessoas em horário de giras, ou sejam, reuniões. Nesses centros possuem espaços básicos para o funcionamento, como gongá e assentamentos, local para atabaque e locais de permanência da assistência e dos trabalhadores.

Em outros terreiros umbandistas podemos encontrar uma maior variedade de espaços de trabalho que podem ser interligados com a principal função do terreiro. Neles, podemos observar a existência de hortas para ervas utilizadas nas benzeções e banhos, loja com materiais e produtos para trabalhos externos e até mesmo uma parte destinada à médiuns que estão em desenvolvimento, ou seja, que estão se preparando para trabalhar com a assistência.

Figura 1, figura 2 e figura 3: gongá, local de atabaque e local de permanência da assistência.

³ VALGUDA, Patricia Martins. *Arquitetura & Religião: Construindo o Espaço Religioso Terreiro Pai Maneco*. Disponível em: <www.paimaneco.org.br/2014/04/06/arquitetura-e-religiao>. Acesso em: 17 setembro 2019. p.17. Grifo nosso.



Fonte: **Arquitetura & Religião: Construindo o Espaço Religioso Terreiro Pai Maneco**. Disponível em: <www.paimaneco.org.br/2014/04/06/arquitetura-e-religiao>. Acesso em: 17 setembro 2019.

2.2 Linhas mestras: quebrando o conceito do desconhecido

Justamente pelo fato da arquitetura ser tão importante para o desenvolvimento da religião, que se justifica a apresentação da história desta como objeto de estudo para aquela. A existência de um grande conceito sem conhecimento aprofundado da temática é um dos fatores que podem ser apontados como diferenciais nas propostas projetuais de terreiros umbandistas. Deste modo, acredita-se que abordar aquilo que as pessoas caracterizam como mais negativo na religião, seja por medo e/ou falta de conhecimento, e apresentar da forma mais clara possível expondo o fundamento religioso, diferenciando-se claramente “o que é a religião” do que os pensamentos opressores e preconceituosos empregam quando relacionam o tema. Em função do desconhecimento religioso da Umbanda, por parte de alguns indivíduos, ela passa ser relacionada à gritos, música alta e fatores excêntricos, sendo que na primeira sessão não houve nada do que uma simples reunião mediúnica sem a utilização desses adornos. Muitas casas hoje em dia, por mais que se consideram umbandistas, não costumam seguir as linhas mestras (normas) impostas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas (primeiro guia espiritual reconhecido pela Umbanda a se manifestar), fazendo com que cada casa, trabalhe na sua própria sintonia e energia.

Neste trecho, observamos o relato do que aconteceu ao final da primeira reunião umbandista:

“No final dessa reunião, o Caboclo ditou certas normas para a sequência dos trabalhos, inclusive atendimento absolutamente gratuito, roupa branca, simples, sem atabaques, nem palmas ritmadas e os cânticos seriam

baixos, harmoniosos. A esse novo tipo de culto que se formava nessa noite, a entidade deu o nome de “UMBANDA”, que seria “a Manifestação do Espírito para a Caridade.”⁴

Tais normas que foram reconhecidas como “Linhas Mestras”, funcionariam como regras para aquele centro que no caso, foi o primeiro implantado. Observamos que os umbandistas em geral, seguiram duas das “Linhas Mestras” instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por imposição da espiritualidade positiva de cada Terreiro: “(1º) Não haverá sacrifício de animais; (2º) Não haverá cobranças por trabalhos espirituais.”⁵

As outras “Linhas Mestras”, possivelmente, pela ignorância, vaidade, idiossincrasia, personalismo e/ou achismo, preferiram por relegar ao esquecimento os fundamentos primordiais da Umbanda, inserindo em seus Terreiros, suas doutrinas, cultos e suas preferências ritualísticas, criando as “Modalidades de Umbanda”. Vamos às “Linhas Mestras” colhidas por nós em todo o trabalho do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Colocá-las-emos aleatoriamente, pois as mesmas não seguiram um curso didático, mas, foram, com o tempo, estabelecidas pelo instituidor da Umbanda:

“1º) A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade.

2º) Sem atabaques ou qualquer outro tipo de instrumento de percussão, bem como a não utilização de palmas ritmadas. (...)

4º) Dá de graça o que de graça se recebe. (...)

6º) Sem roupagens coloridas, sem balandras, sem rendas e lamês, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: cocares de penas, capacetes, chapéus, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. Esses tipos de coisas não pertencem a Umbanda. O vestuário utilizado, tanto para homens como para mulheres, é composto de tecido modesto e simples (algodão), somente brancos; Em Umbanda não existe roupas sacerdotais, mas, somente uniformes. Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda) ou descalço.(...)

9º) Aceita os Sagrados Orixás, não como deuses, mas sim como

⁴ [JURUÁ](#), Padrinho. Coletânea Umbanda: a manifestação do espírito para a caridade – As origens da Umbanda I. 238 f. Livro, 2019. p. 20.

⁵ [JURUÁ](#), Padrinho. Umbanda: a manifestação do espírito para a caridade – As origens da Umbanda I. 161 f. Livro, 2019. p. 61.

denominações humanas para os Poderes Reinantes do Divino Criador.

10º) Sem cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. (...)

16º) A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos demandatórios. (...)

18º) Promove concentrações nos sítios vibratórios da Natureza (praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, etc., para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes).

19º) Incentiva o estudo e promove a educação mediúnica e doutrinária, reservando, se possível, 01 dia da semana para tais misteres. (...)

21º) Todo o conjunto de trabalhos espirituais é chamado de: “Sessão”. (...)

24º) Dá ênfase a questão de que Guias e Protetores Espirituais não “vêm em terra” só para bebericar, dançar, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias. (...)

28º) O Caboclo das Sete Encruzilhadas veio com a irradiação da Mãe Maria Santíssima, devotando-lhe grande afeição e amor, honrando-a e invocando-a em todas as Sessões. (...)

31º) Trabalha integrado às “Sete Linhas de Umbanda”, originalmente assim nominadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

- 1) Linha de Oxalá;
- 2) Linha de Ogum;
- 3) Linha de Oxossi;
- 4) Linha de Xangô;
- 5) Linha de Yemanjá (As entidades femininas de Nanã Buruquê e de Oxum se apresentam e trabalham dentro desta Linha);
- 6) Linha de Yansã; e,
- 7) Linha de Santo (também chamada de “Linha das Almas”).”⁶

O texto completo sobre estas e demais linhas mestras se encontram no anexo deste artigo para maior compreensão do assunto tratado.

⁶JURUÁ, Padrinho. Umbanda – A Manifestação dos Espírito para a Caridade – O que é Umbanda III. 161 f. Livro, 2019. p. 61.

Por mais que estas sejam as Linhas Mestras, não se julga errônea a maneira como cada terreiro hoje trabalha. Lembrando que muitos dos centros umbandistas trazem características e formas de trabalho do Candomblé, por se tratar de orixás / energias similares. Mas o Candomblé e a Umbanda são religiões distintas, cada uma possuindo a sua forma de trabalho. Podemos citar, como exemplo de diferença, suas matrizes, onde enquanto o Candomblé tem a sua origem africana e em suas sessões se tem a incorporação dos Orixás das mais variadas qualidades, a Umbanda se inicia no Brasil, com a incorporação apenas de guias espirituais, sem manifestação dos Orixás, onde estes não são numerosos em quantidade como no Candomblé.

3 METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho, conversou-se informalmente com indivíduos que atuassem em diferentes terreiros umbandistas, formando assim uma ideia principal de como se funciona e é trabalhada tal religião. Tomando nota que a autora do projeto e sua família, tiveram a sua criação na crença, reconhece-se que tal vivência facilitou a identificação das premissas projetuais.

A consulta de livros espíritas kardecistas (religião de onde de originou a umbanda), umbandistas e de história sobre a religião também foram adotados para fundamentar toda a base teórica.

Realizaram-se visitas técnicas a diferentes terreiros umbandistas para entender melhor o funcionamento de cada um e quais são os pontos entre eles que vemos em comum, como por exemplo as vestimentas, ritos e pontos espaciais (banheiros, gongá, administração).

Figura 4: Funcionamento em comum de um terreiro.

COMO FUNCIONA

Terreiro de umbanda A umbanda surgiu no Rio, no início do século 20, acrescentando espiritismo ao candomblé da Bahia. É uma religião descentralizada: cada pai-de-santo é papa de seu terreiro. Mas há um roteiro das “giras”, noites em que as entidades prestam consultas.

QUEM É QUEM

- PÚBLICO
- MÉDIUNS
- AUXILIARES
- PAI-DE-SANTO

1

CASA CHEIA

Os que chegam para o ritual costumam tirar os sapatos, em respeito ao solo sagrado, o congá. Um terreiro pode ter até 50 médiuns e auxiliares, os “filhos da casa”, e receber 200 pessoas.

2

SINTONIA FINA

Enquanto o público se acomoda, médiuns e auxiliares se banham com ervas, para entrar em sintonia com o mundo espiritual. Eles também são responsáveis pela preparação do ambiente.

3

SAUDAÇÃO

O ritual é iniciado com um pedido de proteção aos orixás (deuses africanos) protetores do terreiro. Também é feita uma defumação do ambiente, do peji, dos médiuns e do público, para preparar a chegada das entidades.

4

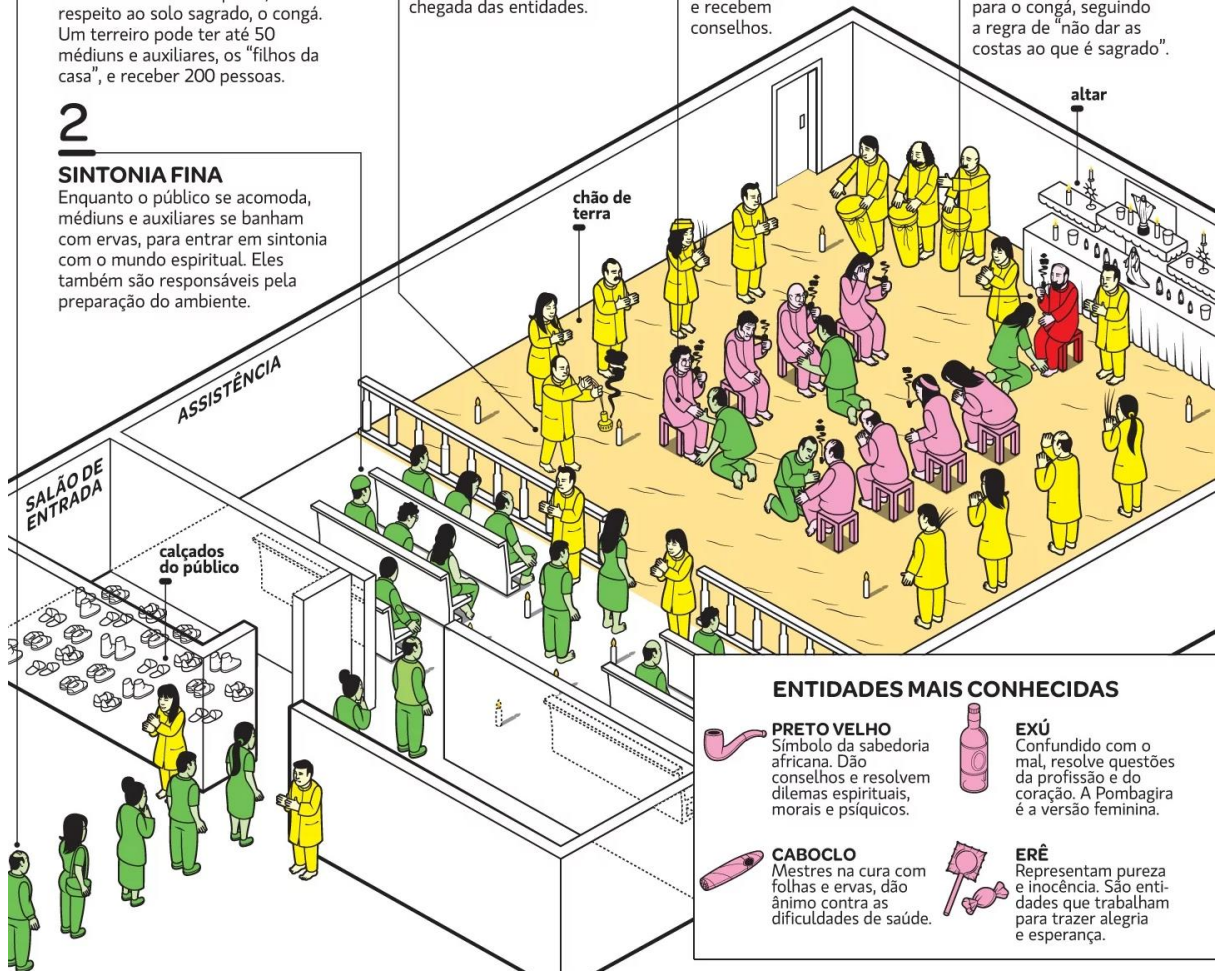
INCORPORAÇÃO

Ao som dos atabaques, as entidades baixam. O primeiro a incorporar é o pai-de-santo, seguido dos médiuns. As pessoas do público são encaminhadas para atendimento, contam seus problemas e recebem conselhos.

5

CANTA PRA SUBIR

Depois que todos foram atendidos, os médiuns desincorporam e é feito o encerramento com uma defumação e mais cânticos de agradecimento. As pessoas costumam sair de frente para o congá, seguindo a regra de “não dar as costas ao que é sagrado”.



ENTIDADES MAIS CONHECIDAS

-  **PRETO VELHO**
Símbolo da sabedoria africana. Dão conselhos e resolvem dilemas espirituais, morais e psíquicos.
-  **EXÚ**
Confundido com o mal, resolve questões da profissão e do coração. A Pombagira é a versão feminina.
-  **CABOCLO**
Mestres na cura com folhas e ervas, dão ânimo contra as dificuldades de saúde.
-  **ERÊ**
Representam pureza e inocência. São entidades que trabalham para trazer alegria e esperança.

Fonte: **Como funciona um terreiro de Umbanda: saiba passo a passo.** Disponível em:

<https://www.wemystic.com.br/como-funciona-terreiro-umbanda-saiba-passo-a-passo/>. Acesso em:

17 setembro 2019.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Localização e entorno

O local escolhido para implantação do projeto foi um terreno no bairro São Pedro, no município de Juiz de Fora. Se teve como premissa que a arquitetura a ser implantada fosse vista pelas pessoas que tivessem o hábito vivenciar e permanecer no espaço (terreno) usufruindo de seus usos atuais ou que tivessem rotina apenas de passagem pelo local. Trata-se de uma localização selecionada, não para “esconder” o tema proposto, mas, pelo contrário, para trazer maior visibilidade. Atualmente, o terreno dispõe de um grande campo de futebol gramado que se tem uso mais nos finais de semana pelos moradores que residem ali perto. Famílias e amigos dos jogadores vão ao local para prestigiar os jogadores e esporadicamente realizar confraternizações com churrasco.

Figura 5: Mapeamento do terreno e atividades adjacentes.



Fonte: Google Maps. Acessado em: 13 de fevereiro de 2020.

Como a umbanda se fundamenta na caridade, o uso original principal do terreno, descrito anteriormente, não sofreu interferências significativas funcionais, havendo uma readequação do campo de futebol mantendo suas funções e proporcionando uma melhoria quanto a condicionante solar e instalações de mobiliário público. Tendo como ideal, além do projeto do terreiro umbandista, um projeto que contemple e contribua positivamente para a vivência e convivência da comunidade.

3.2 Arquitetura

Sabemos que nas arquiteturas religiosas, há muitas características em comum nas suas respectivas religiões: presença de altares, assentos onde pessoas se acomodam para assistir as sessões, locais de reflexão individual, respectivas formas na arquitetura que falam e remetem sobre a religião... Com isso, arquitetonicamente, o barracão (local onde ocorrem as giras no centro espírita umbandista) teve sua sua espacialidade originária em uma forma conhecida como “flor da vida”, cuja representação inspira e fortalece a expansão da consciência, formando uma espécie de corrente de DNA contendo dados de toda vida do Universo. Nos Terreiros Umbandistas, o ponto focal é o gongá, altar profusamente ornamentado com flores, que simbolizam a energia dos diferentes Santos e Orixás. Na presente proposta projetual desenvolvida e defendida conceitualmente pela autora, a Gira de Umbanda, tem a forma de uma flor, sendo seu veio principal de energia o caule, representado pelo gongá. Assim a arquitetura se faz da projeção dos trabalhos, no caso desta temática, realizados dentro dela. Ainda justificando-se a composição formal e sensorial, a característica circular também é proposta como meio de potencializar a circulação e renovação energética do ambiente.

A Umbanda fundamenta-se em humildade e reconhecimento e valorização energia da natureza, sendo o emprego destes fundamentos evidenciados por suas formas de atuação, seja pelo toque dos pés no chão, pela escolha dos materiais, dentre eles plantas em defumações, águas para serem fluídas, como também pelas vestimentas simples da cor branca. Para fortalecimento da identidade, o terreiro projetado comprometeu-se ainda, materialmente, com emprego de materiais mais naturais como madeiras, bambus e vegetações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este presente trabalho cumpre como norteador do projeto arquitetônico de um centro umbandista, mas não só em parâmetros arquitetônicos e urbanísticos, mas também e principalmente em caráter social, pois se tem como premissa a quebra de conceitos estereótipos previamente formados sem fundamentos.

O objeto de estudo foi delimitado pela intercessão entre três componentes: a umbanda na sociedade, sua história e a arquitetura e o urbanismo. O estudo tem como finalidade nos levar a refletir a respeito do estado da arte em consonância com a diversidade de estudos e experimentações através de sua associação a diferentes campos do conhecimento, ou seja, a valorização da interdisciplinaridade.

As pessoas vivem, sentem e experimentam o espaço e isso nos leva a perceber qual a importância da espacialidade e do lugar que podem ter influência no bem-estar de um indivíduo. Tanto a arquitetura quanto o urbanismo são ferramentas importantes nos âmbitos sociais, apresentam-se como geradores de hábitos e satisfação do viver. Ignorar e subestimar a importância desses dois campos é uma falha com a sociedade em geral.

ABSTRACT, RÉSUMÉ ou RESUMEN

This work aims to highlight the potential of architecture and urbanism in its multifunctionality, as well as to contribute to the expansion of the potential of performance of professionals in this area of knowledge. Today, architecture is known to be associated with social well-being, both in terms of urban, social, political and religious, as well as ethnic and sexual aspects. Corroborating this line of thought, the project of an Umbanda terreiro aims to present the state of the art of religious themes, more specifically of a religion that, in our country, is associated with concepts and foundations that do not really characterize it. When approaching the religious theme of umbanda with a theoretical and practical basis, of experience, it is believed to bring to the light of knowledge a larger contingent of society and thus enhance the reduction of prejudice to practice, which society still demonstrates in the days of today.

Faced with various thoughts and explanations without proper study of the topic, without knowledge of the umbanda principles and concepts, the question arises: how can architecture contribute positively to this situation?

As we can see, umbanda centers are located “hidden” and / or “distant” from the central regions, so that they reflect a sense of “hidden” before society in relation to other religions, such as the Catholic and Evangelical that they have large, “exposed” temples in a city. The present architectural project is dedicated to bringing greater visibility to the place for which it was proposed, as well as to religion, valuing the national religious diversity and the interest, more specifically, regarding the knowledge of Umbanda.

REFERÊNCIAS

WE MYSTIC. **Como funciona um terreiro de umbanda: saiba passo a passo.**

Disponível em: <www.wemystic.com.br/artigos/como-funciona-terreiro-umbanda-saiba-passo-a-passo>. Acesso em: 17 setembro 2019.

VALGUDA, Patricia Martins. **Arquitetura & Religião: Construindo o Espaço Religioso Terreiro Pai Maneco.** Disponível em:

<www.paimaneco.org.br/2014/04/06/arquitetura-e-religiao>. Acesso em: 6 abril 2014.

[ARAÚJO, Sheilla](#) Sousa. **A Arquitetura Iconográfica dos Altares dos Terreiros de Umbanda em Caucaia e Fortaleza no Ceará: uma prática arteeducadora multicultural.** 87 f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação (Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

[HONAISTER, Fernando](#) Alves. **Terreiros: Memórias e Representações no Espaço Sagrado.** 241 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

[JURUÁ,](#) Padrinho. **Coletânea Umbanda: a manifestação do espírito para a caridade – As origens da Umbanda I.** 238 f. Livro, 2019.

[JURUÁ,](#) Padrinho. **Umbanda: a manifestação do espírito para a caridade – O que é da Umbanda III.** 161 f. Livro, 2019.

ANEXOS ou APÊNDICES

As “Linhas Mestras” preconizadas pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas:

- 1º) A bandeira da Umbanda é Caridade, Amor e Humildade.
- 2º) Sem atabaques ou qualquer outro tipo de instrumento de percussão, bem como a não utilização de palmas ritmadas.
- 3º) Dá ênfase a simplicidade dos rituais, que permite a dedicação integral do tempo das sessões ao atendimento fraterno dos necessitados.
- 4º) Dá de graça o que de graça se recebe.
- 5º) Jesus e seus ensinamentos são os pilares centrais da Linha Branca de Umbanda e Demanda. O aspecto doutrinário do desenvolvimento mediúnico é embasado no Evangelho de Jesus, na reforma íntima, e serão bastante severos os testes que irão considerar aptos os indivíduos que devem cumprir a missão de manifestar o Espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda. O Cristo planetário é tido como o “Mestre Supremo”.
- 6º) Sem roupagens coloridas, sem balandraus, sem rendas e lamês, ou qualquer tipo de adornos ou adereços regionais externos, tipo: cocares de penas, capacetes, chapéus, coroas, espadas, arcos, tacapes, fuzis, maquiagens, tridentes, capas, cartolas, ternos, smoking, bijuterias, etc. Esses tipos de coisas não pertencem a Umbanda. O vestuário utilizado, tanto para homens como para mulheres, é composto de tecido modesto e simples (algodão), somente brancos; Em Umbanda não existe roupas sacerdotais, mas, somente uniformes. Os calçados são de pano grosso (lona), com solado de corda (tipo Alpargata Rueda) ou descalço.
- 7º) As guias (colares) usadas são somente as que determinam o Guia Espiritual que se manifesta.
- 8º) Abomina o sacrifício de animais, quer para homenagear Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, quer para fortificar mediunidades, ou mesmo em processos ofertatórios entregas magísticas e/ou despachos demandatórios para obtenção de favores de qualquer ordem.
- 9º) Aceita os Sagrados Orixás, não como deuses, mas sim como denominações humanas para os Poderes Reinantes do Divino Criador.
- 10º) Sem cultos, festividades extravagantes ou homenagens a Orixás, Guias e Protetores Espirituais, Exus e Pombas-Gira, ou humanos (encarnados e/ou desencarnados), sejam eles internos, externos e/ou materiais. Só existe o Culto a Caridade. Como dizia o Pai Antônio manifestado em Zélio de Moraes: “Festa é fazer

Caridade”. Em datas específicas, são efetuadas “Sessões de Reverência” (“Respeito intenso por alguma coisa, por aquilo que é sagrado”) aos Sagrados Orixás, ou datas comemorativas, públicas, em datas aprazadas, onde todos, irmanados, procedem às harmonizações fluídicas com as forças invocadas, para logo após, se proceder aos atendimentos fraternos normalmente.

11º) Não há determinação ou razão de dizer se alguém é “filho” ou tem “ancestralidade” deste ou daquele Orixá. Isso é preceito de cultos afros; não é fundamento da Umbanda.

12º) Não há “obrigações” (deitadas, camarinhas, ebós, borí, comidas, oferendas, etc.) para Orixás;

13º) Não há manifestações mediúnicas (incorporação) de Orixás (nota do autor: os que nominamos de: Orixás Essenciais e Orixás Sustentadores).

14º) Não há “feitura de cabeça”, “fazer o santo”, nem coroação de médiuns.

15º) A primazia dos atendimentos fraternos se dá com Guias Espirituais Caboclos da Mata e Guias Espirituais Pretos-Velhos.

16º) A ingestão de bebidas alcoólicas é totalmente excluída dos trabalhos espirituais, sejam em que circunstâncias forem. As cervejas, os vinhos, a cachaça, conservam-se apenas como elementos de firmezas, oferendas e possíveis despachos mandatários.

17º) Faz largo uso de ervas em defumações, banhos, amacis, e o uso ritualístico de Tabaco.

18º) Promove concentrações nos sítios vibratórios da Natureza (praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, etc., para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes).

19º) Incentiva o estudo e promove a educação mediúnica e doutrinária, reservando, se possível, 01 dia da semana para tais misteres.

20º) Dá ênfase aos Descarregos (desobsessões), presentes em todas as Sessões, principalmente as caritativas.

21º) Todo o conjunto de trabalhos espirituais é chamado de: “Sessão”.

22º) Observa com atenção, as seguintes orientações: “São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) O assistido e a médium mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior”.

23º) A Falange de Trabalhos Espirituais dos Exus e das Pombas-Gira da Lei só atuam mediunicamente em processos demandatórios, trabalhos de defesa e desmanches de magias negras. Não são realizadas Sessões específicas com Exus e Pombas-Gira, e nem procedem a atendimentos fraternos públicos.

24º) Dá ênfase a questão de que Guias e Protetores Espirituais não “vêm em terra” só para bebericar, dançar, jogar conversa fora, brincadeiras, demonstrações circenses, fortificar mediunidades ou quaisquer atitudes pueris. Somente manifestam-se espiritualmente para instruções doutrinárias, e/ou para práticas humanitárias.

25º) Para militar como médium umbandista, o Caboclo das Sete Encruzilhadas dá ênfase a Moral, que nada mais é do que um conjunto de virtudes, adquiridas no estudo e aplicação sistemáticos do Evangelho Redentor.

26º) Dá ênfase à questão da “predisposição sensual incontida”, onde, inadvertidamente, os médiuns caem pelo “fator sexo”, entre irmãos, dirigente e/ou assistidos, fato considerado escabroso e escuso, jamais aceito pelos Guias e Protetores Espirituais, e se ocorrer, provocará a queda do médium com o afastamento dos Guias e Protetores Espirituais.

27º) O Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou como dever de todo umbandista, o estudo sistemático doutrinário do: “O Evangelho Segundo Espiritismo”, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, leituras que dão embasamento teórico à vida e ao desenvolvimento da mediunidade.

28º) O Caboclo das Sete Encruzilhadas veio com a irradiação da Mãe Maria Santíssima, devotando-lhe grande afeição e amor, honrando-a e invocando-a em todas as Sessões.

29º) Em processos de invocação, afirmação, proteção, magia, descarregos, utiliza a formação da “Mesa de Umbanda” (pontos riscados).

30º) Dá ênfase a retidão de caráter e os princípios crísticos dos médiuns, para que possam ter mediunidades positivas.

31º) Trabalha integrado às “Sete Linhas de Umbanda”, originalmente assim nominadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

- 1) Linha de Oxalá;
- 2) Linha de Ogum;
- 3) Linha de Oxossi;
- 4) Linha de Xangô;

5) Linha de Yemanjá (As entidades femininas de Nanã Buruquê e de Oxum se apresentam e trabalham dentro desta Linha);

6) Linha de Yansã; e,

7) Linha de Santo (também chamada de “Linha das Almas”).

32º) Em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, louvam-se e trabalham com alguns Espíritos que em vida foram Santos Católicos, proeminentes.

33º) O Caboclo das Sete Encruzilhadas fazia questão absoluta em propagar que a Umbanda e seus trabalhadores desencarnados eram simples, humildes, amorosos, caridosos e desprovidos de vaidades, e que seus trabalhadores encarnados também o deveriam ser.

34º) O Caboclo das Sete Encruzilhadas reconhece a autoridade de “Ismael”, Espírito Superior, de grande envergadura moral, o Guia Espiritual do Brasil, que recebeu de Jesus a missão de conduzir o desenvolvimento do Evangelho, do Amor e da Caridade em todo território nacional, e tutelar da Umbanda, honrando-o nas aberturas de todos os trabalhos, com a Prece a Jesus, elaborada pelo Espírito de Ismael.

35º) Faz uso sistemático do Amaci.

36º) Faz uso consciente e cuidadoso de pólvora em descarregos.